



*Haroldo Maranhão*

# O TETRANETO DEL-REI



EDIÇÃO

**L&L**

# O SERTÃO É DENTRO DA GENTE:

algumas anotações em torno da carta 8 de *O Tetranelo del-Rei*

Sílvia Holanda

Doutor em Teoria Literária

Professor de Literatura Portuguesa na UFPA

A narrativa de Haroldo Maranhão espalha-se por todas as espécies narrativas canônicas: o conto (*Vão de Galinha*), a novela (*Miguel Miguel*) e o romance (*Rio de Raivas*). Pode-se, em uma sumária apresentação, indicar alguns temas recorrentes: o tema do duplo, a relação entre o ficcional e o histórico. Em *O Tetranelo del-Rei* (1982), observa-se uma paródia de nossa história colonial. Como diz Jackson (1990, p. 13), “this vein of modernist humor and satire continued to an apex in recent decades in fiction: the virtuosic novel by Haroldo Maranhão, *O Tetranelo del-Rei* [“The King’s Great-great-grandson”], a linguistic and thematic parody of the founding episodes in Brazilian colonial history by the doubting discoverer, Jerônimo Albuquerque”.

No âmbito da teoria literária, os paradoxos da paródia são “indicadores de uma diferença irônica no âmago da semelhança e como transgressão sancionada da convenção”. Considerando a arte pós-moderna como auto-reflexiva e paródica, por exemplo, Linda Hutcheon (Toronto) chega às seguintes formulações sobre o tema: 1) “A paródia é uma das formas mais importantes da moderna auto-reflexividade; é uma forma de discurso interartístico.” (Hutcheon, 1989, p. 13); 2) “A paródia é, pois, uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica, nem sempre às custas do texto parodiado.” (Hutcheon, 1989, p. 17), estabelecendo uma repetição com distância crítica.

Afastando-se da miragem das fontes, já criticada em estudos de literatura comparada, este ensaio traz como proposta mostrar a confluência textual — presente nas 12 cartas inseridas na narrativa — entre a carta 8, trocada entre D. Jerônimo e sua amante européia, e o romance *Grande Sertão: Veredas*. Por vezes, embora não haja incorporação, em outras passagens do romance de Haroldo Maranhão, cita-se um elemento paratextual como os títulos. Assim, obras importantes da literatura brasileira aparecem no corpo da narrativa: *Fogo Morto*, *Pedra do Sono*, *Concã*, *Pedra Bonita*, *Clã do Jabuti*, etc. Tal confluência evoca o exemplo de Macunaíma: “Nem cinco sóis eram passados que de vós nos partíramos, quando a mais temerosa desdita pesou sobre nós.” (Andrade, 1987, p. 77)

Assim, a história da colonização brasileira, já em tempo de capitânicas hereditárias, é lida pelo viés da ironia e do humor. O que singulariza esta narrativa de Haroldo Maranhão é a extrema agudeza com que o autor recorta textos literários e históricos, que vão desde a carta inaugural de Caminha a Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto.

Apresenta-se, a seguir, um quadro comparativo entre a carta 8 (Maranhão, 1982, p. 100-102) e o texto de Guimarães Rosa (1965), indicando-se, entre colchetes, as páginas:

## O TETRANETO DEL-REI

[9] Causou não pequeno reparo o haver-se posto à vela no rumo de terras inda tão mal esclarecidas, o fino fidalgo Dom Jerônimo d’Albuquerque. [100] Senhora, o diabo não há. Ou o diabo há? O diabo é sem parar. Ah, para não se ter medo é que se vai à raiva. A gente esperava o que acontecesse. Falo-vos do que nos houve e de onde estou a chegar. A guerra é fraticida sempre, que eram irmãos abatendo irmãos. Dos nossos, atira-ram um horror, duma vez, tiros e tiros. O capitão e cunhado de rodo endoudeceu e a gritas comandava a tropa, teimando que esta se abrisse em círculo vasto que por inteiro abarcasse o inimigo. Deliriosa idéia: uma cerca de fogo a cativar os contrários, de onde vivos jamais saíssem! Pros-perou a insânia em meo à tropa asnal, que assi melhor se dirá dos

## GRANDE SERTÃO: VEREDAS

[9] Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvores no quin-tal, no baixo do córrego. [460] O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Traves-sia. [235] Deus nunca desmente. O diabo é sem parar. [261] Para não se ter medo? Ah, para não se ter medo é que se vai à raiva. [232] andamos beira-rio, no vagarosamente. A gente esperava o que acontecesse. [262] Surdo pensei: aqueles hermógenes eram gente em tal como nós, até pouquinho tempo reunidos compa-nheiros, se diz — irmãos; e agora se atravavam, naquela vontade de desigualar. Mas, por que? Então o mundo era

arcabuzeiros que lhe prestam ou prestavam mercês. Porque, então, eu sobrava fora da roda. Sosseguei. Aí eu não devia pensar tantas idéias. A guerra tem destas coisas, contar é que não é plausível. Mas, mente pouco, quem a verdade toda diz. Nós estávamos em fundos fundos. Os quantos [101] ho- | mens, de estranhoso aspecto. Mas muita era minha decisão. Para ódio e amor que dói, amanhã não é consolo. Aquilo não era só mata, era até florestas. Sertão: é dentro da gente. De dia, é um horror de quente. O dia envelhecia. A mata abafa-va-nos, matava-nos antes das frechas. Ele, o ensandecido, bradou o brado de guerra que inventou e uma geral debandada, que por assi entendia suas estratégias. Porém o inverso sucedeu. Num átimo, supri a claridade com-pleta de idéia, o sangue-frio maior, essas comuns tranquilidades. E, por aí, eu sabia mesmo exato: a gente já estava debaixo de cerco. Homens e homens repulavam no afã tão unidamente, sujeitos maneiros, feito o meigo do demo assoprasse neles, ou até mesmo os espíritos. Respirei depressa demais. Uma confusão sem confusão, um homem esbarrou em mim, em carreira, outros bramaram. Tenho medo? Não. Estou dando ba-talha. Hoje sei. Homens guerreiros também têm suas francas horas, ho-mem sozinho sem par supre seus recursos também. Quando foi que eu tive minha culpa? Questionou-se nisso. Aoudou comando, endoudecidos corriam os nossos em fuga, caindo varados de setas. Matamos poucos, eles mataram-nos muitos. Dos poucos que pusemos a terra, muitos deles fui eu que os abati e por isso grandemente padeço. Mais do que as mãos doridas de dar trabalhos ao arcabuz, dói-me bastantíssimamente mais a alma, por haver eu — eu! — ferido de forma mortal. Cada tiro meu era um índio que se ia para o reino do Senhor, para aonde teremos que ir todos, um dia. Disso não me gabo, Senhora, mas conto menos do que foi: a meio, por em dobro não contar. Não desperdiço palavras. Como o cunhado e capitão sumiu pelo campo matoso, que dele não se sabe, assumi o geral comando e mandei que se fizesse o traslado dos cadáveres para o litoral e se os encovassem. Ali, dos meus companheiros, tantos mortos. Acaso, que companheiros eram; e agora o que se deposi-tava deles era o assunto de lembranças, e aquele amassado e envelhecido feder, que as horas repontava. O dia andando, a catanga no ar aumenta. Com os vivos é que a gente esconde os mortos. Aquela noite, meu quinhão dormi. A noite que houve, em que

muita doidei-ra e pouca razão? De perto, a doideira não se figurava transcrita. Pois o urucuiano Salústio João mais olhei. [262] Sosseguei. Aí eu não devia de pensar tantas idéias. O pensar assim produzia mal já era invocar o receio. Por-que, então, eu sobrava fora da roda, havia de ir esfriar sozinho. [276] A guerra tem destas coisas, contar é que não é plausí-vel. Mas, mente pouco, quem a verdade toda diz. [289] Isso foi até onde o morro quebrou. Nós estávamos em fundos fundos.[290] Os quantos homens, de estranhoso aspecto, que agita-vam manejos para voltarmos de donde estávamos. [283] Tomei sem ofensa. Mas muita era minha decisão, que eu já tinha aperfeiçoado lá na Fazenda dos Tucanos [...] [231] Ah, Diadorim mascava. Para ódio e amor que dói, amanhã não é consolo. Eu mesmeava. [233] Aquilo nem era só mata, era até florestas! Montamos direito [...] [235] Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente. [238] De dia, é um horror de quente, mas para a noitinha refresca [...] [247] [...] o senhor vê: homens e homens repulam no afã tão unidamente, sujeitos maneiros, feito o meigo do demo assoprasse neles, ou até mesmo os espíritos! Suspirei, de bestagem. [247] Respirei depressa demais. [246] Saí da janela Às tantas o senhor assistisse àquilo: uma confusão sem confusão. Saí da janela, um homem esbarrou em mim, em carreira, outros bramaram. [237] Urubu? Um lugar, um baiano lugar [...] Tenho medo? Não. Estou dando batalha. É preciso negar o que o “Que Diga” existe. [239] Hoje sei. [240] Agora e os outros? — o senhor dirá. Ah, meu se-nhor, homens guerreiros também têm suas francas horas, homem sozinho sem par supre seus recursos também. Sur-preendi um, o Conceição, que jazia vadio deitado [...] [235] Urubu? Um lugar, um baiano lugar [...] Quando foi que eu tive minha culpa? Aqui é Minas; lá já é a Bahia? Estive nessas vilas, velhas, altas cidades. Sertão é o sozinho. [260] Mas conto menos do que foi: a meio, por em dobro não contar. [...] Então, onde é que está a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade? [234] Só sim? Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo — que tudo lhe fiei. [...] Não desperdiço palavras. [274] Ali, dos meus

eu, deitado, confesso, não dormia: com dura mão sofreei meus ímpetos, minha força desperdiçada; de tudo me prostrei. Eu estou depois das tempestades. Senhora, confio-vos que muito afadigado estou, fadiga não de corpo, que para esta algumas horas de catre logram cura; mas fadiga de alma, um moral e mortal cansaço, para o qual suspeito não haver reco-bro. Já me pus de costas para o mar e de frente para o mar, com o que se me desdobrava aos olhos a esperança de tomar ao meu e vosso Portu-gal. Hoje, esta a verdade: ponho-me de costas para o mar e à frente diviso o sertão, de cujo seio anônimas vozes me chamam.[102] Ontem, pratiquei um ato solitário de amor, de vós lembrando-me antes de à nau recolher-me: olhei o ilustre do céu. As saudades, sem mais possível remédio, do vosso e vosso sóJ. d'A. companheiros, tantos mortos. Acaso, que copanheiros eram; e agora o que se depositava deles era o assunto de lembranças, e aquele amassado e envelhecido felder, que às horas repontava.[267] O dia andando, a catinga no ar aumenta.[274] Com os vivos é que a gente esconde os mortos. Aqueles mortos — o Jósio, entortado prestes, com pedaços de sangue pendurados do nariz e dos ouvidos;[266] Aquela noite, meu quinhão dormi; no amiudar-do-galo o tiroteio já principiava renovado.[240] A noite que houve, em que eu, deitado, confesso, não dormia; com dura mão sofreei meus ímpetos, minha força desperdiçada; de tudo me prostrei.[451] Eu estou depois das tempestades.

Visualizada a complexa operação textual promovida pelo autor de *O Tetranelo del-Rei* a partir da justaposição de excertos do romance rosiano, há de dizer-se que esta carta é escrita no momento em que o protagonista, Jerônimo d'Albuquerque, se volta mais plenamente para a realidade brasileira, interiorizando-a. Assim, justifica-se a utilização de um conceito deslocalizado de sertão que se faz interno e externo à personagem. A dialética entranhada na forma romanesca vai além de um mero percurso intertextual.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- FRANCONI, Rodolfo A. Senhoras & Senhores. *Letras*. Curitiba, n. 46, p. 43-51, 1996.
- HUTCHEON, Linda. Ironie, satire, parodie. *Poétique*. Paris, n. 46, p. 140-155, avril 1981.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. HUTCHEON, Linda. *A Theory of Parody*. New York/London: Routledge, 1986. 143p.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.
- JACKSON, D. David. The parody of "Letters" in Haroldo Maranhão's *O Tetranelo del-Rei*. *Luso-Brazilian*, Madison, v. 27, n. 1, p. 11-19, 1990.
- MARANHÃO, Haroldo. *O Tetranelo del-Rei*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- NUNES, Benedito. Reflexões sobre o moderno romance brasileiro. In: *O livro do seminário*; Bial Nestlé de Literatura Brasileira. São Paulo: LR Editores, 1983. p. 43-69.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

Belém, 1º de agosto de 2001.

A PROSA DO MUNDO  
*Brasil*



PRÊMIO GUIMARÃES ROSA DE 1980

*Haroldo Maranhão*

**O TETRANETO  
DEL-REI**

  
Francisco  
Alves